



ACORDO DE PAZ

EUA e Ucrânia discutem sobre fim da guerra

Após as negociações na Flórida ontem, Trump afirmou haver "boas chances" de um acordo de paz entre Ucrânia e Rússia. Os EUA enviarão um representante especial a Moscou para conversar com Vladimir Putin

Andrew Harnik/Getty Images via AFP



Desde que assumiu a presidência dos Estados Unidos, Trump tenta negociar um acordo de paz entre os dois países europeus

A delegação ucraniana e funcionários americanos do alto escalão se reuniram, ontem, nos Estados Unidos, para discutir o plano do presidente Donald Trump sobre a guerra com a Rússia. Após as negociações na Flórida, Trump afirmou haver "boas chances" de um acordo entre Ucrânia e Rússia. Ainda hoje, os EUA enviarão um representante especial, Steve Witkoff, à Moscou para uma conversa com Vladimir Putin.

Participaram da reunião os representantes de Volodymir Zelensky, liderados por Rustem Umerov; o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, acompanhado do enviado especial Steve Witkoff e do genro de Trump, Jared Kushner. Rubio considerou os diálogos "muito produtivos", mas frisou que mais negociações serão necessárias para chegar à paz. "Tivemos outra sessão muito produtiva, aproveitando os resultados de Genebra e os acontecimentos desta semana", declarou Rubio aos jornalistas ao fim da reunião. "Mas ainda há mais trabalho a ser feito", destacou o chefe de diplomacia dos Estados Unidos,

O secretário do Conselho de Segurança da Ucrânia, Rustem Umerov, que liderou a delegação de Kiev, também descreveu as negociações como "produtivas e bem-sucedidas". Anteriormente, uma fonte próxima à delegação de Kiev declarou à AFP que as negociações não eram simples. "O processo não é fácil, já que a busca por fórmulas e soluções continua", afirmou a fonte da AFO, que denominou os diálogos como construtivos. "Todos estão interessados em um resultado concreto para haver um tema para negociações futuras entre Estados Unidos e Rússia", afirmou.

Outra fonte não identificada declarou à reportagem que os americanos querem que durante a negociação "sejam acordados os pontos finais" para poderem ir para Moscou. Ela explicou ainda que a formulação desses pontos

é "complicada, especialmente no que diz respeito aos territórios", pois os americanos se consideram "mediadores, não uma parte" que apoia a Ucrânia. "Mas todos estão tentando ser construtivos e encontrar uma solução", completou.

"Não se trata simplesmente de pôr fim à guerra (...) Trata-se de abrir um caminho para que a Ucrânia siga sendo soberana, independente e próspera", afirmou Rubio no início da reunião. Umerov manifestou, por sua vez, seu desejo de debater a segurança da Ucrânia. Numa mensagem na rede X, ele assinalou que a missão da sua de-

legação é "garantir os interesses da Ucrânia" e que "informará o presidente da Ucrânia", Volodymir Zelensky, ao final da reunião de hoje.

Tensão militar

Enquanto o exército russo avança no leste da Ucrânia, um ataque com drones matou pelo menos uma pessoa e feriu outras 11 na noite de sábado perto de Kiev. Estima-se que as questões discutidas ontem se basearam nas emendas ao plano abrangente de Trump, negociado há uma semana em Genebra entre americanos, ucranianos e

europeus, disse Zelensky.

Há dez dias, Washington apresentou um plano de 28 pontos para pôr fim ao conflito, desencadeado pela invasão russa da Ucrânia, em fevereiro de 2022. Acusado de ser fortemente inclinado a favor de Moscou, o projeto foi modificado, embora Kiev tema seja obrigada a fazer concessões significativas.

"A parte americana é construtiva, e nos próximos dias possíveis serão especificados os passos a seguir para determinar como pôr fim à guerra com dignidade", reafirmou Zelensky no sábado. Hoje, Emmanuel Macron, o recebeu novamen-

te em Paris, poucos dias depois da destituição de seu influente braço direito, Andriy Yermak, em consequência de uma ampla investigação anticorrupção no setor energético.

Ainda no sábado, drones navais foram lançados contra um importante terminal de petróleo no porto russo de Novorossiysk. Essa plataforma facilita a exportação de petróleo por meio de um dos principais petroleiros do mundo, que se origina nas jazidas petrolíferas do Cazaquistão, às margens do mar Cáspio, e atravessa a Rússia até o mar Negro. O Consórcio do Oleo-

Não se trata simplesmente de pôr fim à guerra. Trata-se de abrir um caminho para que a Ucrânia siga sendo soberana, independente e próspera"

Marco Rubio, secretário de Estado dos EUA

duto do Cáspio, que opera essa instalação, declarou que um "ataque terrorista" com drones inutilizou uma das três boias de amarração do terminal, usadas para o carregamento no mar.

Kiev não fez comentários sobre o ataque a essa plataforma. No entanto, reivindicou, no sábado, um bombardeio contra dois petroleiros no Mar Negro, em frente à costa da Turquia, afirmando que tinha como alvo navios pertencentes à 'frota fantasma russa' usada por Moscou para evitar as avaliações ocidentais.

Uma fonte do Serviço de Segurança Ucraniano (SBU) declarou à AFP que os petroleiros Kairos e Virat foram atacados por drones Sea Baby durante uma operação conjunta entre a SBU e a Marinha Ucraniana. Segundo o porta-voz, ficaram vazios no momento do ataque e se dirigiram ao porto russo de Novorossiysk para reabastecer.

Nos últimos meses, o exército ucraniano atacou regularmente petroleiras e instalações de refinarias na Rússia na tentativa de interromper a renda obtida com o petróleo, o que permite a Moscou financiar o esforço bélico. A Rússia, por sua vez, continua com suas investidas noturnas contra a Ucrânia.

AMÉRICA CENTRAL

Honduras escolhe novo presidente

Milhares de hondurenhos foram às urnas, ontem, para escolher o novo presidente do país, após uma campanha marcada por acusações mútuas entre candidatos de esquerda, centro e direita, além da tentativa de interferência do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no processo eleitoral.

Na véspera da votação, Trump advertiu que cortaria ajuda ao país da América Central, se o candidato de extrema-direita, Nasry Asfura, não vencesse a disputa presidencial. Segundo o norte-americano, Washington "não desperdiçaria" dinheiro para ajudar Honduras. O país é extremamente dependente dos EUA, com 60% de seus 11 milhões de habitantes vivendo na pobreza e 27% de seu PIB alimentado pelas remessas da migração.

As últimas pesquisas antes do pleito mostravam o candidato apoiado por Trump, Nasry Asfura, de 67 anos, do Partido Nacional (PN), estava empatado com a candidata de esquerda Rixi Moncada,



Campanha dura: denúncias antecipadas de fraude minaram confiança dos eleitores

cujo presidente, Javier Milei, também anunciou apoio a Asfura.

"Eu voto em quem me agrada, não no que Trump diz, porque a verdade é que eu vivo do meu trabalho, não dos políticos", disse Esmeralda Rodríguez, de 56 anos, que vende frutas em um mercado de Tegucigalpa.

Narcotráfico

Para aumentar sua aposta em Asfura e em um ato que vai na contramão de sua operação antidrogas no Caribe, Trump colocou mais lenha na fogueira ao anunciar, na última sexta-feira, que concederá indulto ao ex-presidente

hondurenho Juan Orlando Hernández, ex-líder do PN, condenado no ano passado a 45 anos de prisão por narcotráfico nos Estados Unidos.

Após a repercussão negativa, Asfura negou que o anunciado indulto dos Estados Unidos ao ex-presidente hondurenho condenado por

narcotráfico seja para favorecer-las eleições. Em entrevista, ele reforçou que não tem "nenhum vínculo" com Hernández e destacou que o apoio de Trump pode trazer "benefícios" econômicos e migratórios ao país.

"Eu ia votar em Tito Asfura, mas não mais, não quero que arruine mais o meu país. Não queremos narcotraficantes", disse Julio Sevilla, de 74 anos, em sua seção de votação.

A candidata da esquerda Moncada denunciou, ontem, que o perdão a este "chefão da droga" foi "tratado" pelas elites políticas e econômicas locais diante do mau desempenho de seus candidatos. Mesmo com a promessa de Trump, não está claro se este respaldo ajudará o empresário Asfura a vencer o pleito.

Ao votar, a candidata da esquerda reiterou que não vai reconhecer os resultados preliminares do Conselho Nacional Eleitoral (CNE), mas sim a apuração de todas as atas de votação (cerca de 20 mil), que podem demorar dias. O governo dos EUA advertiu que atuará com "firmeza" em caso de fraude. A Organização dos Estados Americanos (OEA) e a União Europeia (UE) também enviaram observadores ao país para acompanhar as eleições. Até o fechamento desta edição, o resultado da eleição de Honduras ainda não tinha sido divulgado.